

**Os outros, os perigosos (homossexualidade e aids):
Salão de beleza de Mario Bellatín¹**

**Amanda L. Jacobsen Oliveira
Juliana Prestes Oliveira
Anselmo Peres Alós
UFSM
Brasil**

Mario Bellatín. *Salão de beleza*. Trad. Maria Alzira Brum Lemos. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

ISBN: 978-85-86880-64-3. 80 páginas.

Ler um texto literário pela segunda vez é sempre profícuo. Diferente das leituras técnicas, nas quais podemos perpassar novamente à procura de detalhes e informações “perdidas”, a leitura do texto ficcional repetido é uma experiência inteiramente nova, feita por outro *eu-leitor*, buscando não novas informações, e sim novas interações estéticas, sinestésicas. E assim ocorreu com a obra *Salão de beleza*, do escritor mexicano Mario Bellatín.

Ao investigarmos nossas memórias, buscando traçar ligações com o título da novela de Bellatín, lembramos que, seu salão de beleza, nada tinha de relação com esses lugares para onde as pessoas se dirigem com a finalidade dos tratamentos cosméticos. Recordávamos que seu salão abrigava outros que haviam sido excluídos pelo restante da sociedade, a fim de que ali, junto do narrador-personagem, pudessem ter um lugar ao qual se recolher até o momento da sua morte, provocada, por fim, por uma doença que, apesar de não mencionada pelo nome, parece ser a aids (ou sida). Mesmo com essas

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

memórias a respeito do enredo, ficava a sensação de que nós não mais conhecíamos a obra de Bellatin: e a sensação estava correta.

Através dos paralelos estabelecidos com o auxílio da obsessão do narrador por peixes (também, a certa altura, adoecidos) e aquários, Mario Bellatin consegue construir uma analogia a respeito das condições sofridas por aqueles abrigados no chamado *Moridero* em função da doença e consequente morte. Entretanto, é importante observar que, apesar de os sintomas parecerem realmente inevitáveis, a condição ao qual são submetidos os portadores do vírus não é inevitável, pois o modo desses viverem como rejeitados e marginais é, na verdade, imposta pela sociedade na qual estão inseridos. Isso porque, logo no caso do primeiro hóspede recebido, podemos notar o descaso dos demais diante da situação dele. Precisando de cuidados e refúgio, o único lugar no qual o encontra é no Morredeiro, uma vez que, inclusive os hospitais e a família, lhe negam auxílio. Todos ali “se compõe de estranhos que não têm onde morrer” (Bellatin 12).

De acordo com o próprio Bellatin, o que lhe inspirou a escrever a novela foi uma notícia de jornal, lida em Lima, contando que um cabeleireiro recolhia doentes com sida (Alós). Isso significa que o salão de beleza em si não se originou apenas da criação do escritor. Contudo, poderia o ser, em função do modo como sua simbologia é articulada na trama. Trata-se de um daqueles momentos nos quais podemos perceber o entrelaçamento tênue e profundo da arte e da vida. Sendo antes um salão de beleza, o local era destinado ao tratamento das aparências, ao que é ligado à imagem exterior, muitas vezes superficial, porém supervalorizado em um determinado contexto social. Portanto, é interessante a transformação de um salão destinado a tais fins em um local denominado Morredeiro. Agora, com esse novo intuito, o lugar não preza pelas aparências, e sim apenas pelo mínimo de conforto destinado àqueles que estão, de acordo com o narrador, à beira da morte. Os espelhos são elementos bastante significativos dessa relação, sendo antes essenciais para que as freguesas pudessem

enxergar com prazer seu reflexo transformado pelo tratamento recebido no salão, foram retirados a fim de não perturbarem os novos hóspedes do lugar.

Apesar do salão do protagonista ser unissex, ele era frequentado mais comumente por mulheres, pois só à elas “parecia não importar o fato de ser atendidas por cabeleireiros vestidos quase sempre com roupas femininas” (Bellatin 22). Ademais, de acordo com o narrador, ao se vestirem com roupas femininas para trabalhar no salão, “parecia-me que [...] se criava um ambiente mais íntimo [...]. As clientes podiam se sentir mais à vontade” (Bellatin 46); de modo que dentro do salão formava-se “algo como uma *unidade* e uma *harmonia* agradáveis” (Bellatin 46, grifo nosso). Parece-me que se institui na relação dos atendentes vestidos de mulher e suas freguesas uma identificação, assim essas outras que não se identificam com os demais homens, identificam-se com esses outros que tem sua parcela de exclusão social. Desse modo, cria-se essa *unidade*, amparada no elo das veleidades instituídas pelos tratamentos cosméticos e roupas femininas.

Precisamos notar ainda a possível problemática advinda da aparência. O salão de beleza é um dos locais onde ela se evidencia, sendo ele destinado à manutenção das características físicas que se destinam a agradar os olhos daqueles que nos veem. A relevância desse tipo de recinto, na sociedade, mostra como é importante às pessoas *aparecerem* de certa forma específica – ou “bem” – aos demais; revela que boa parte de nossas vidas é pautada em aparências. Ao mesmo tempo pode mostrar como aqueles que sofrem da doença abordada (e não nomeada por Bellatin) são excluídos dos meios sociais a partir do momento em que sua aparência revela o seu estado. É desse modo, por exemplo, que o narrador-personagem para de frequentar a sauna, em função de seu corpo magro, e deixa de se apresentar em público, em função das pústulas que passam a se desenvolver em seu rosto. Ademais, isso se evidencia quando os amantes daqueles que ali estão vêm à sua procura apenas nos horários noturnos, evitando, portanto, os olhares curiosos trazidos pela claridade do dia. Também talvez esse seja um dos

motivos do narrador-personagem não aceitar mulheres em seu Morredeiro. Tendo o recinto “embelezado as mulheres à saciedade” (Bellatin 32), elas representavam o momento prévio do local, sem relação com o seu novo fim, no qual as aparências têm outro papel significativamente diferente.

Essa sociedade de aparências, então, é que exclui descaradamente aqueles doentes mais necessitados, que recorrem ao Morredeiro. Nem hospitais, nem famílias: as principais instituições parecem fechar os olhos e fingir que a condição não existe, esquecendo propositalmente que os direitos humanos se aplicam também (e especialmente) àquelas pessoas. Há um momento da narrativa bastante significativo para essa observação: o sonho do narrador. Afirmando ser aquele o primeiro dia em que sentiu a ação da doença em seu corpo, ele conta que teve um sonho em que, mesmo sendo ele ainda quem sempre foi, todos ao seu redor, incluindo os colegas da escola e sua própria mãe, não mais o reconhecem (Bellatin 51). Provavelmente esse sonho sirva como metáfora do que acontece com todos aqueles acometidos pela doença: afinal de contas, sendo os indivíduos ainda os mesmos, os demais (aqueles que os deveriam ajudar) *parecem* não o reconhecer (ou o fazem deliberadamente). E aí reside mais um dos símbolos na *aparência*, expressada na relação com o salão de beleza.

Os peixes surgem, novamente, para representar bem essas condições. Quando o narrador afirma que “sem nenhum tipo de arrependimento, deixei gradualmente de alimentá-los. Tinha a esperança de que fossem se comendo uns aos outros” (Bellatin 14), tivemos um choque amargo, que pensamos ser surpresa diante da frieza dele com os peixes. Até perceber o engano: o choque era proveniente do fato de que essa mesma frieza é aquela com a qual os então doentes são tratados pelo restante da sociedade. Não foi assim que as famílias os deixaram lá, aos cuidados do Morredeiro? Aparentemente, é tão fácil a essas outras pessoas deixar os doentes ali, como ao narrador, ao dar fim à vida dos peixes: “Será muito fácil virar o aquário e ver como os peixes se asfixiam até morrer naquele terreno agreste” (Bellatin 70).

Por fim, o mais triste é perceber, como o faz o narrador, que “o desaparecimento de um peixe não importa a ninguém” (Bellatin 65), parecendo a situação dos peixes, portanto, refletir a situação de todos esses acometidos pela doença. Como complemento, precisamos ainda evidenciar o fato de que, apesar de provavelmente referir-se à sida (em função de várias sugestões provenientes dos sintomas e da própria notícia mencionada por Bellatin como inspiração), o ato de não nomear a doença torna a obra de Bellatin bastante atemporal, mostrando como repetidamente, na história da humanidade, todos aqueles doentes de algo de certa forma ainda não compreendidos pelos demais, tornam-se, infelizmente, como os peixes: abandonados em terreno agreste, esquecidos propositalmente e desaparecidos sem a ninguém importar.

© Amanda L. Jacobsen Oliveira, Juliana Prestes Oliveira y Anselmo Peres Alós

Referências

Bellatin, Mario. *Salão de beleza*. Trad. Maria Alzira Brum Lemos. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007. Impresso.

Alós, Anselmo Peres; Felipe, Renata Farias de. “Mario Bellatin: agonizando no Salón de belleza” em *Revista Cerrados*, v.25, n. 42, Brasília: Universidade de Brasília, 2016, pp. 303-321, 2016.

<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/304-321/1565>